

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

03 nov 2023 · 21:30



casa da música

MECENAS

MOTAFENG

ATIV

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



MECENAS CASA DA MÚSICA



Gustav Mahler

Sinfonia n.º 1 em Ré maior, *Titã* (1888/rev. 1893-96; c. 55min)

1. Langsam, schleppend
[Lento, arrastado]
2. Kräftig bewegt, doch nicht zu schnell
[Andamento poderoso, mas moderado]
3. Feierlich und gemessen, ohne zu schleppen
[Solene e mensurado, sem arrastar]
4. Stürmisch bewegt — Energisch
[Tempestuoso — Enérgico]

Gustav Mahler

KALIŠTĚ (BOÉMIA), 1860 – VIENA, 1911

Sinfonia n.º 1

O caso da recepção de Gustav Mahler revela-se de grande interesse por reflectir muitas das questões que marcaram as mudanças associadas à passagem do século XIX para o século XX, não apenas no âmbito artístico-musical, mas também no domínio social e da história das mentalidades. Se é verdade que a sua actividade como intérprete e director orquestral foi difusamente reconhecida e debatida, é também verdade que, como compositor, apenas nos seus últimos anos Mahler assistiria a um relativo sucesso público da sua obra. Nas décadas seguintes, passaria por um processo de esquecimento, nomeadamente em território germânico (sobretudo em consequência da dura censura à música de compositores de origem judaica por parte do Partido Nazi), para voltar finalmente a ser recuperado já no segundo pós-guerra, em grande medida a partir da divulgação e gravação da sua obra por ocasião da efeméride do centenário do seu nascimento, numa dinâmica em que já não se verificariam retrocessos.

A evidência do lugar de Mahler no momento charneira que foi a transição dos modelos da tradição romântica germânica para o modernismo do século XX é reflectida na panóplia de relacionamentos e proximidade intelectual com figuras do meio artístico e musical de então, e no duplo papel de herdeiro do sinfonismo vienense e do Romantismo alemão (Wagner, Bruckner ou mesmo Brahms), por um lado; e de representante e mentor das novas gerações associadas à Viena de *fin de siècle* (Schoenberg, Berg, Webern e Zemlinsky), por outro.

Da sua obra fazem parte 10 sinfonias (a última das quais incompleta, e incluindo *Das Lied von der Erde/A Canção da Terra*) e uma série de ciclos de canções, muitos dos quais com acompanhamento orquestral, como os *Rückert-Lieder*, os *Kindertotenlieder* ou os *Wunderhorn Lieder*. A composição de sinfonias, poemas sinfónicos e canções está directamente interligada em Mahler, nomeadamente através do recurso a processos de citação e colagem. À semelhança da Sinfonia n.º 1, as Sinfonias n.ºs 2, 3 e 4 são conhecidas como sinfonias “Wunderhorn”; e as Sinfonias n.ºs 5, 6 e 7 estão associadas também aos poemas de Rückert.

O trabalho de Mahler em torno da Primeira Sinfonia foi árduo: o compositor debateu-se entre a definição da obra como poema sinfónico, sinfonia programática ou sinfonia entendida como música absoluta; entre formalizá-la em quatro ou cinco andamentos; e entre dar ou não ao público descrições literárias explicativas. Tal como noutros títulos da sua obra, a própria génese da sinfonia reflectia toda esta complexidade. Na base estavam o ciclo *Lieder eines fahrenden Gesellen (Canções de um Viandante)*, composto na sequência da sua paixão pela soprano Johana Richter, que havia conhecido em Kassel, em 1884; e a música de cena para *Der Trompeter von Säckingen*, peça produzida por Joseph Victor von Scheffel (com estreia em 20 de Junho de 1884). Contudo, a Sinfonia n.º 1 está ainda repleta de alusões, citações, colagens, justaposições, memórias: sons de pássaros, marchas fúnebres, canções infantis, materiais temáticos de outras obras de Mahler e toda a memória do sinfonismo europeu, de Haydn e Beethoven a Bruckner.

Escrita entre 1884 e 1888, a Sinfonia n.º 1 viu a sua estreia a 20 de Novembro de 1889, em

Budapeste, sob a batuta do próprio Mahler, e provocou no público uma reação de grande frieza e resistência. De seguida, numa dinâmica comum na sua obra, Mahler procedeu à revisão da partitura entre 1893 e 1896 e acabou mesmo por acrescentar um andamento inspirado em *Der Trompeter von Säckingen*, do qual acabaria por abdicar ao cabo de três apresentações. Escreveu ainda um programa para a obra que envolvia uma série de títulos para cada andamento, dividindo-a em duas partes — “Dos dias da Juventude” e “Comédia humana” — e acrescentando o epíteto “Titã, poema em forma sinfónica”, sob inspiração da novela homónima de Johann Paul (personagem-chave do Romantismo literário alemão). Finalmente, a publicação em 1899 daria a forma definitiva à Sinfonia, sem epítetos ou programas de qualquer ordem e formada por quatro andamentos.

O primeiro andamento — “Langsam, schleppend” (Lento, arrastado) — remete para os sons da Natureza numa representação de cantos de pássaros, nomeadamente cucos, e dá um cariz algo primaveril à obra. O *scherzo* — “Kräftig bewegt, doch nicht zu schnell” (Andamento poderoso, mas moderado) — é o andamento mais curto, inicialmente de carácter robusto, mas com momentos de contraste após a introdução de um trio nostálgico. O terceiro andamento — “Feierlich und gemessen, ohne zu schleppen” (Solene e mensurado, sem arrastar) — é responsável por grande parte da polémica em torno desta obra e é baseado numa versão do popular *Frère Jacques* em ambiência de marcha fúnebre. À sua irreverência somase um carácter nostálgico e de grande vulnerabilidade. Elementos da música cigana e judaica conferem ritmos e cores orquestrais algo exóticos que aludem a reminiscências e memórias da infância. Numa carta a Bruno

Walter, Mahler afirmava que tanto a Marcha Fúnebre como o último andamento pareciam apresentar-se como “acusações gritadas ao Criador”. Assim, o andamento final, onde são reutilizados materiais da abertura da sinfonia, inicia com “um raio a eclodir de uma nuvem negra, o grito de um coração ferido”, segundo a descrição do compositor. Momentos de violência e desespero alternam com outros de pacificação espiritual, numa dialéctica típica de Mahler, mas que segue a tradição romântica da sinfonia heróica de conclusão triunfal.

ROSA PAULA ROCHA PINTO, 2008*

*A autora não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Stefan Blunier direção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. A história de sucesso desta formação continua em 2023/24 com a profícuca colaboração entre maestro e orquestra em inúmeros concertos no Porto.

Compromissos recentes levaram Blunier à Orquestra Nacional de Lille, à Filarmónica de Copenhaga, à Orquestra da Suíça Romanda, à Sinfónica de Berna, à Orquestra Estatal de Darmstadt, à Sinfónica da Ópera de Toulon e à Sinfónica de Singapura.

Na sequência do êxito de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda*, e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Subiu aos pódios para *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, bem como para *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda para uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca. Regressou à Deutsche Oper am Rhein Düsseldorf/Duisburg para dirigir *Macbeth*, de Verdi. Ainda no campo operático, o maestro passou por cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi diretor geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e

receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direção de orquestra na sua cidade natal e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos concursos de direção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim, e diretor musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como diretor geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, interpreta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a atual designação em 2010.

Violino I

Evgeny Makhtin
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
Maria Kagan
Vladimir Grinman
Roumiana Badeva
Andras Burai
Evandra Gonçalves
Ilanina Khmelik
José Despujols
Emília Vanguelova
Alan Guimarães
Catarina Resende*
Pedro Carvalho*
Matilda Mensink*
Raquel Santos*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Karolina Andrzejczak
Catarina Martins
Lilit Davtyan
Mariana Costa
Pedro Rocha
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Mafalda Vilan*
Henrique Gonçalves*
Mariana Cabral*

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Francisca Fins*
Anna Gonera
Biliana Chamlieva
Emília Alves
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Rita Costa*
Carlos Monteiro*
Marisa Moreira*
Cristiana Barreiro*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Aaron Choi
Michal Kiska
Hrant Yeranosyan
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
João Cunha
Tiago Silva*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Gustavo Rocha*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Pedro Silva*
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Bruno Rafael*
Telma Gomes*
André Gomes*
Eddy Tauber

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé
José Afonso Sousa*

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Iluminação**

Virgínia Esteves

Palco

Alfredo Braga

Assistente de cena

Amaro Castro

Próximos concertos

04 SÁBADO 21:00 SALA 2

Rodrigo Cuevas + Bandua

Misty Fest

promotor: Uguru

05 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

Remix Ensemble Casa da Música

Tito Ceccherini direção musical

Miquel Bernat marimba

Orquestra Barroca Casa da Música

Fabio Biondi violino e direção musical

obras de **Franco Donatoni**, **Peter Eötvös**, **Wolfgang Amadeus Mozart**,

Giovanni Battista Sammartini e **Pietro Nardini**

05 DOMINGO 21:00 SALA 2

Corinne Bailey Rae: Black Rainbows

Misty Fest

promotor: Uguru

07 TERÇA 19:30 SALA SUGGIA

Orquestra Barroca Casa da Música

Fabio Biondi violino e direção musical

Remix Ensemble Casa da Música

Tito Ceccherini direção musical

Ilya Gringolts violino

obras de **Antonio Brioschi**, **Wolfgang Amadeus Mozart** e **György Ligeti**

08 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

Rodrigo Leão + Tó Trips

Misty Fest

promotor: Uguru

09 QUINTA 21:00 SALA 2

Salomão Soares + Anna Setton

Misty Fest

promotor: Uguru

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

